

Capítulo 7

NARRATIVAS EM EAD: UMA EXPERIÊNCIA DE ESCRITURA DIGITAL

Roseli Gimenes

Cielo Griselda Festino

Resumo O trabalho relata a experiência inovadora realizada com alunos do curso de Letras EAD da Universidade Paulista-UNIP - que constituiu em apresentar aos estudantes a possibilidade de eles narrarem suas histórias de vida apontando para questões de suas comunidades locais uma vez que esses estudantes estão em diversos pontos do país e até mesmo fora do país, mas carregam indagações regionais.

Palavras chave: Educação a distância, Narrativas de vida, Inclusão digital.

AGRADECIMENTOS

UNIP Letras EAD

1. INTRODUÇÃO

Quando as novas tecnologias estão mediando o processo de letramento, se faz importante discutir a efetividade e complexidade da interação na Educação a Distância para a inclusão social em um país como o Brasil. Apesar de problemas, a EaD pode ainda ser efetiva no Brasil porque alcança lugares de difícil acesso. Coloca em contato áreas distantes no território nacional ao mesmo tempo em que contribui para encurtar distâncias de classe, gênero e diferenças étnicas e raciais entre cidadãos brasileiros.

Desenvolvemos o projeto “*Encontros Interculturais na EaD: Narrativas de Vida dos Diferentes Brasis*” desenhado no Curso de Letras, (Licenciatura em Português, Português e Inglês e Português e Espanhol) da Universidade Paulista/UNIP Interativa, com polos em grande parte do território nacional. O projeto tem como principal objetivo relacionar as comunidades dos estudantes dos diferentes polos, conectados pela EaD, por meio de uma forma particular de autobiografia, as narrativas de vida, assim definidas por Smith e Watson (2010, p. 4)

Como aponta Tori (2010, p. 9) o significado da EaD é geralmente definido como a “ausência do professor”. O conceito é bem mais complexo. Centrando-se no aprendiz, há três relações possíveis no processo de ensino-aprendizagem: professor-aluno, aluno- aluno e aluno-conteúdo. É essa qualidade da EaD que contribui para o desenvolvimento do projeto das narrativas de vida porque ajuda a relacionar comunidades muito distantes, desconstrói a dicotomia centro-periferia e multiplica o centro nos inúmeros contextos dos alunos; oferece aos alunos a possibilidade de compartilhar problemáticas próprias das suas comunidades e regiões, ou conflitos que acontecem a nível nacional, mas que têm contornos diferentes em cada localidade.

O projeto das narrativas, mediadas pela EaD, torna-se assim em um projeto de inclusão social porque seu objetivo não é somente instruir e passar informações a partir de um centro educacional, mas - focando nas problemáticas dos alunos - levá-los a produzir conhecimento

em vez de somente reproduzir informações recebidas. Em outras palavras, o objetivo é transformar a teoria em prática e a prática em novas teorias que sejam eficazes e significativas para o entorno social e cultural do aluno.

Uma das tarefas dos tutores e professores foi o de fazer os participantes cientes do valor contingente dos princípios da sua própria cultura. Nesse contexto, o propósito deste artigo é discutir, em um primeiro momento, o conceito de narrativa e como tem se desenvolvido ao longo do tempo com as velhas e as novas tecnologias, para logo focarmos no conceito das narrativas de vida produzidas pelos alunos de Letras EaD e como as novas tecnologias têm se mostrado de grande importância para a difusão dessas narrativas.

2.0 CONCEITO DE NARRATIVAS

Segundo Ataíde (1973, p. 3), “a literatura é uma recriação verbal da realidade através da imaginação do artista”. Evidente que o autor refere-se à narrativa de ficção, mas a definição de ‘recriação verbal’ esbarra em focar uma única linguagem criativa, já que histórias vêm sendo contadas desde milênios, muito antes daquelas que chamamos narrativas orais, bem antes da invenção da prensa de Gutenberg no século XV. Essa tradição oral da narrativa é tratada por Zumthor (1993, p. 21) em distinção à transmissão oral. A tradição oral pode ser entendida como uma forma de cultura. Como definir o que é narrativa? Diz Lucia Santaella (2001, p. 322) que é o universo da ação, do fazer. E como as linguagens, as narrativas são híbridas.

A importância das narrativas é que com elas é possível construir, reconstruir, reinventar o ontem e o amanhã (BRUNER, 2002, p. 103). Além disso, a narrativa amplia nosso conceito de leitura de que o livro é o mais legítimo exemplo da ação de ler (SANTAELLA, 2012, p. 22). É por isso que hoje precisamos pensar no conceito de narrativa, e de literatura também, a partir de uma perspectiva bem mais ampla que, paradoxalmente, relaciona o passado com o futuro ao considerar narrativa não somente o registro escrito, mas aquele que considera qualquer outro tipo de meio narrativo.

3. AS NARRATIVAS DE VIDA

A EaD tem sido repetidamente desacreditada porque se fala que os alunos dessa modalidade não são verdadeiros membros da comunidade acadêmica (GRANGER & BOWMAN, 2003, p.177). Uma maneira possível de superar esse obstáculo, segundo alegam os autores, é envolvendo os alunos em atividades metacognitivas como as narrativas de vida que exploram as identidades, estilos de vida e de aprendizagem e mostram o relacionamento dos alunos com seu contexto por meio da análise crítica de sua comunidade e de seu lugar nela. Esse tipo de atividades reflexivas, por meio das narrativas, é de grande valor porque ajuda os alunos a achar suas vozes, dentro e fora de suas comunidades, como assim também se relacionar com seus pares de outras comunidades em geral, e comunidades de aprendizado em particular que, nesse caso, são parte da uma nação continental como o Brasil.

O aspecto comunitário das narrativas, que tem como objetivo a inclusão social, é que as narrativas de vida recuperam e as diferenciam da autobiografia tradicional. Então, as narrativas de vida podem ser lidas como *atos* autobiográficos porque o fato de estarem situadas em uma história com um enredo, como argumentam as autoras, significa que estão situadas “em lugar e tempo” e implicam em mudanças; então, podem ser lidas como “interações cruciais com o mundo” no sentido de que “estão dirigidas a uma audiência/leitores e estão envolvidas em uma discussão sobre a identidade” (SMITH E WATSON, 2010, p. 63; nossa tradução).

A relação entre pessoas de diferentes âmbitos da vida nacional não significa, necessariamente, uma relação harmoniosa. Muitas vezes essa aproximação produz conflito; contudo, o conflito pode ser bem produtivo. Gerald Graff (1993, p. 108) fala que o que necessita ser narrado é o conflito entre as diferentes comunidades focando, precisamente, em temas como agência, gênero, etnicidade, identidade, localidade. A escrita e leitura das narrativas de vida transforma-se assim em uma instância de ação e inclusão social porque se fusionam em um lugar comum que, como aponta Chamberlin (2007, p. 239), “não é nem um lugar nem um conjunto de histórias. É um estado da mente em que aceitamos que as categorias da realidade e da imaginação são como as categorias de ELES e NÓS” (nossa tradução).

Nosso curso de EaD conta com polos localizados nos diferentes pontos geográficos e culturais do país. Os locais das narrativas de vida que fazem parte do nosso projeto pertencem a diferentes tipos de comunidades que cobrem desde as grandes metrópoles até as áreas rurais; comunidades de baixa renda até comunidades de classe alta; em todas elas, o indivíduo luta com temas relacionados com o meio ambiente, a política ou a família. É por isso que Smith e Watson (2010, p. 71) afirmam que “... o local, muito mais do que noções de lugar, fala do caráter situado das narrativas de vida” que, como foi sugerido, está implícito nas entrelinhas da narrativa. É aqui, como já temos afirmado, que as narrativas de vida e a EaD se unem e se complementam.

4. AS NARRATIVAS E AS NOVAS TECNOLOGIAS

Se narrativas sempre as houve, pode-se dizer a mesma coisa sobre tecnologias. Nesse sentido, como as narrativas contemporâneas têm sido narradas? Se tomarmos como medida a narrativa feita em livros impressos é possível verificar que a leitura da narrativa impressa difere bastante da leitura de uma narrativa fotográfica, por exemplo. Mesmo na leitura de uma narrativa cinematográfica que exige movimentação diversa do olhar em relação às páginas de um livro impresso essa diversidade transparece. Em todas essas narrativas há por trás tecnologias: a da prensa, a do negativo fotográfico, a do fotograma. Em todas elas há a presença da tecnologia. Muitas vezes, as inscrições são possibilidades mais visuais como na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, no capítulo *CXXXIX De como não fui ministro d'estado* (ASSIS, 1971, p. 116). O que se vê na página logo em seguida ao título do capítulo? Vários pontos e pontos, ou seja, a negativa do título é visualizada em ausência sugerida por esses pontos.

O leitor que se situa a partir do século XVI com a leitura de textos impressos. Quem é exatamente esse leitor? Santaella (SANTAELLA, 2013, p. 268) esclarece-nos que é o leitor que tem diante de si o mundo do papel. Significa que o leitor, ainda que do tipo contemplativo, move-se como quem está diante de um outro ritmo, que já se habituou à linguagem híbrida do jornal, “o leitor fugaz, novidadeiro, de memória curta, mas ágil” (SANTAELLA, 2013, p. 269). O leitor movente. Machado provoca esse leitor movente porque

exatamente conhecia a linguagem do jornal e a traz para a narrativa literária. No século XXI, o leitor contemplativo e o leitor movente chegam ao leitor imersivo que interage, um leitor que “é livre para estabelecer sozinho a ordem informacional” (SANTAELLA, 2013, p. 271).

São diversas as linguagens por quais passam as histórias, as narrativas, qual sejam: figuras rupestres, oralidade, texto verbal impresso, fotografia, cinema..., entre tantas outras, evidente que com a conectividade da *WEB 2.0* temos uma nova linguagem que se espelha e se espalha em blogues, e redes sociais como o *Facebook* ou o *YouTube*. Essa não pode ser apenas a digitalização de textos impressos que passam a ser lidos no computador, mas a linguagem criada dentro do digital. E no digital as narrativas dos games mostram como a narrativa continua firme em sua trajetória. No caso dos games, jogos eletrônicos, a imersão dos jogadores é imensa. Narrativas não morrem, podem mudar de estruturas. (CAMPBELL, 2008) É uma estrutura com início, meio e fim bem definidos (VOGLER, 1998). Essa estrutura não se diferencia muito das propostas de Tzvetan Todorov (1969), ou seja, a estrutura de uma narrativa diz respeito à forma pela qual ela é construída para permitir o andamento da trama. O modo narrativo, nessa estrutura, se divide em épico, lírico e dramático; o eixo dramático se divide no clímax, premissa, desmedida, peripécia e reviravolta. Um exemplo de fusão entre literatura brasileira e game, e - no caso - o jogo já tem uma narrativa conhecida, é a adaptação de obras como *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo. A história do livro pode ser 'jogada' na página do *Livro e Game*. Além de narrativas eletrônicas, como as dos games, a narrativa digital tem crescido muito dentro do próprio meio digital, ou seja, não se trata de adaptação ou digitalização de obras, mas de criação literária nascida digitalmente. Um exemplo bastante interessante é o do escritor Samir Mesquita que 'escreveu', por exemplo, *Dois palitos*, um livro que reúne 50 microcontos de até 50 caracteres.

Como essa, há várias obras narrativas criadas no mundo digital. Se nos distanciarmos da prensa de Gutenberg, estamos bem próximos da cultura visual eletrônica. Essa pode ser a reflexão que teremos que fazer sobre o que a literatura pode e poderá ser. Certo é que a literatura (a narrativa) gerada por computador é uma literatura do fluxo, do instantâneo, do móvel, do universal, do interativo' (MOURÃO, *apud* SANTAELLA, 2013, p. 215).

5. NARRATIVAS DE VIDAS DOS DIFERENTES BRASIS

Partindo dos conceitos de narrativa e das especificidades das novas tecnologias em narrativas, os alunos de Letras EAD foram convidados - essa era a ideia do projeto - a leituras diversas que procuraram teorizar esses conceitos e, ao mesmo tempo, mostrar exemplos de como poderiam colocar suas memórias, suas autobiografias de cidadãos comuns em várias possibilidades. Uma delas foi a proposta de fazer narrativas de vida partindo de uma fotografia de família. Os orientadores também fizeram a criação. Como funcionou? Professores e alunos selecionaram uma foto de família e a partir da imagem fizeram uma narrativa verbal escrita. Duas narrativas desse movimento transparecem. A primeira pela própria escolha da fotografia representativa da família; a segunda, a recuperação da memória desse momento para a narrativa do acontecimento, do passado evocado na imagem. Nesse momento da evocação, podemos perceber o ato criativo da narração que exige um apontamento da pessoa do narrador, o próprio aluno ou não, a ação verbal daquele momento, o tempo da narrativa, as personagens ali envolvidas. Importante ressaltar que ainda que se tratasse de uma narrativa de vida a partir de uma imagem e da memória, o texto deixava entrever esses elementos da narrativa de ficção; além do uso das novas tecnologias de que os alunos se utilizaram, quais sejam, a tela do computador e a plataforma digital do EaD, no mínimo, acompanhando o movimento de postagem como tele-aulas sobre os temas discutidos, mas também com *chats* onde o diálogo possibilitou entrosamento com a teoria e com os professores.

Em outro momento, os alunos foram instados a percorrer a memória afetiva de suas infâncias, buscando recordar leituras marcantes que tivessem feito ou exatamente o oposto, memórias da ausência de narrativas. Nesse movimento, os alunos perceberam o que, muitas vezes, falamos em relação às narrativas, ou seja, é possível contar algo significativo e real, mas também podemos narrar acontecimentos ausentes, tal qual Brás Cubas no capítulo já citado. Exatamente se voltar ao passado enseja o não ter podido desfrutar de algo que daria prazer e que poderia sugerir a dor de uma perda na infância. Muitas vezes, a ausência de leituras na infância não significa que

não revelemos narradores adultos. Há vários casos de escritores famosos, como Saramago, que relataram não terem lido na infância o que não significou que não houvesse interesse em leituras de narrativas.

Ainda em uma outra atividade, os alunos fizeram a leitura sugerida da obra de Bruner (2002) e de acordo com um roteiro de questões eles tinham que pensar nos pontos discutidos pelo autor e elaborar uma verificação de suas narrativas segundo as observações feitas na obra do escritor. Por exemplo, no momento em que Bruner (2002,

p. 25) afirma que “contamos histórias mais para prevenir do que para ensinar. E, por causa disso, histórias são moedas correntes de uma cultura”. Instigamos os alunos a pensarem sobre o que é cultura e por que a cultura tem tanto valor? Ou, ainda, em outra passagem, quando Bruner (2002, p. 39) afirma: “Serão as histórias parte de nosso arsenal para lidar com a surpresa?” Esses movimentos de reflexão crítica sobre narrativas ou narrativas de vida convidavam alunos a escrever e, assim, contarem suas histórias mantendo um ritmo narrativo.

Oferecemos uma tele-aula em que as posições das narrativas contemporâneas propostas por Santaella (2013) pudessem servir como reflexões dos novos tempos narrativos. Já que os alunos de EAD costumam assumir posição ubíqua, precisavam também refletir sobre que tipo de leitores eles seriam, se contemplativos, moventes, imersos ou ubíquos (SANTAELLA, 2013, p. 282). Não foi surpresa o fato de que nem todos os alunos de Letras EAD mantivessem ubiquidade. Esse, aliás, era exatamente o objetivo do projeto, incluir alunos dos diferentes brasis e que mesmo instados a tecnologias do ensino a distância não poderiam estar conectados o tempo todo por uma questão bastante simples: a posição geográfica longínqua em que se encontravam. Apesar de assistirem à tele-aula, poucos foram os que de pronto responderam às indagações o que nos leva a pensar que - mesmo com novas tecnologias - ainda temos maioria de leitores contemplativos à semelhança do século em que o livro impresso surgiu. No entanto, esses alunos são, sim, ao menos, moventes no sentido mesmo *lato* do termo. Prevaleceu a narrativa verbal escrita; ainda que inscrita em meio digital, ela não deixou de lado as marcas textuais da linguagem verbal escrita, exatamente naquele processo a que nos referimos anteriormente, a digitalização

de textos. Poucos se aventuraram à criação própria do meio digital, mesmo com a sugestão em exercícios como os da fotografia, por exemplo. Talvez, em seus momentos íntimos, esses alunos postem nas redes sociais, no *YouTube*, suas narrativas de vida; não se arriscaram, porém, a mostrar-nos essas experiências, quem sabe porque pensassem que narrar ainda seria ‘escrever’, verbalizar no papel ou - no caso - na tela do computador. Isso exigiria conhecimento da tecnologia para além do uso da plataforma, com certeza, também.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como tentamos mostrar por meio da elaboração deste projeto, há uma clara convergência entre as narrativas de vida, as novas tecnologias e o EaD porque os letramentos digitais se apresentam como um espaço aberto para todo tipo de narrativas em todo tipo de mídias que podem ser lidas em contraponto. Por um lado, esse tipo de ambiente virtual e tecnologia interativa possibilitam, por meio da interação, gerar e comunicar significados; convidar outros para criar novos significados a partir dos nossos textos, ao mesmo tempo em que nós fazemos a mesma coisa a partir dos textos dos outros. Por outro lado, como explicam Smith e Watson (2010, p. 95), usualmente pensamos que as narrativas de vida são somente escritas; contudo, também é possível dramatizar o Eu através de outros tipos de mídia como curtas, documentários, peças de teatro, apresentações artísticas e musicais, dança, arte cibernético, arte eletrônica, ciberliteratura, entre outros.

Assim, a contribuição do projeto “Encontros Interculturais na EaD: Narrativas de Vida dos Diferentes Brasis” se manifesta a diferentes níveis: traz os chamados regionalismos e os conflitos de gênero e étnico-raciais para o centro da cultura quando desloca o local e as vozes das narrativas para o ambiente da EaD; discute diferentes tipos de preconceitos por meio de narrativas que vão além do pessoal para abraçar a comunidade; oferece aos alunos a possibilidade de se expressar em mídias da sua própria escolha, de escolhas tecnológicas. Tudo isso contribui para recrutar vozes que antes preferiam ficar silenciadas, revelando assim a relação entre as narrativas de vida, a EaD, e as narrativas nas novas tecnologias, lembrando que sempre houve e sempre haverá tecnologias novas, para a inclusão social.

REFERÊNCIAS

- [1] Achebe, Chinua. Hopes and Impediments. Selected Essays 1965-1987. London: Heinemann, 1988.
- [2] Assis, Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas. São Paulo: Saraiva, 1971.
- [3] Ataíde, Vicente. A narrativa de ficção. São Paulo: Editora McGraw-Hill do Brasil, 1973.
- [4] Bruner, Jerome. Fabricando histórias. Direito, literatura, vida. São Paulo: Letraevoz, 2002.
- [5] Brydon, Diana & Coleman, W.D., eds. Renegotiating Communities. Vancouver: Toronto, UBC Press, 2008.
- [6] Campbell, Joseph. The hero with a Thousand Faces. Princeton: Princeton University Press, 1968/Novato, Califórnia: New World Library, 2008.
- [7] Chamberlin, J. Edward. If This Is Your Land, Where are Your Stories? Finding Common Ground. Toronto: Vintage Canada, 2007.
- [8] Freire, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.
- [9] Graff, Gerald. Beyond the Culture Wars. How Teaching the Conflicts Can Revitalize American Education. New York & London: W. W. Norton & Co., 1993.
- [10] Granger, Daniel; BOWMAN, M. Constructing Knowledge at a Distance: The Learner in Context. Handbook of Distance Education. Michael Grahame Moore & William G. Anderson, eds. Mahwah, New Jersey & London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2003.
- [11] Johnson, Steven. Como chegamos até aqui. A história das inovações que fizeram a vida moderna possível. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- [12] Mesquita, Samir. Dois palitos. Disponível em [Acesso em 24 de julho de 2016](#).
- [13] OSBORNE, Martin J. An Introduction to Game Theory. Oxford University Press: New York, 2004
- [14] Santaella, Lucia. Matrizes da linguagem e do pensamento. Sonora. Visual. Verbal. São Paulo: Iluminas, 2001.
- [15] Santaella, Lucia. Leitura de imagens. São Paulo: Melhoramentos, 2012.
- [16] Santaella, Lucia. Comunicação Ubíqua. Repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.
- [17] Smith, Sidonie; WATSON, Julia. [2001] A Guide for Interpreting Life Narratives. Reading Autobiography. London & Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.
- [18] Smith, Sidonie; WATSON, Julia (eds.) Women, Autobiography, Theory. A Reader. The University of Wisconsin Press, 1998.
- [19] Todorov, Tzvetan. As estruturas narrativas. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- [20] Tori, Romero. A Presença das Tecnologias Interativas na Educação. Revista de Computação e Tecnologia da PUC-SP - Departamento de Computação/FCET/PUC- SP, vol. II, n 1, 2010, p.1-16.
- [21] Vogler, Christopher. A jornada do escritor. Estruturas míticas para escritores. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- [22] Zumthor, Paul. A letra e a voz: a "literatura" medieval". Tradução de FERREIRA, Jerusa Pires; Pinheiro, Amálio. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.